

RECORTES DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR/ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL

A mulher portuguesa desenvolve uma fraca intervenção social

João Figueira

PELA primeira vez na história, a centenária Associação Académica de Coimbra é dirigida por uma mulher. Sem que atribua um significado especial a essa novidade, a jovem presidente da maior academia estudantil do País não nos escondeu, porém, que tal circunstância «tem estado a revelar-se como uma vantagem», na concretização do seu trabalho. Com uma média de curso de 11,8 valores, Ana Paula Barros demonstra que ainda é possível, hoje, sendo finalista de Direito aos 22 anos, aliar a sua condição de aluna regular à prática de uma actuação empenhada e atenta no mundo universitário. Coisas de uma nova geração (de mulheres), cujos pais, contemporâneos dos «Amigos de Alex» estão a ajudar a formar, dir-se-á.

Concorda, no entanto, que «ainda é raro verem-se, em Portugal, mulheres ocuparem lugares de chefia, situação que se reflecte, também na fraca intervenção social que desempenham».

Entende, todavia, como nos disse, que «as coisas estão, felizmente, a mudar, facto a que

não é estranha a circunstância da maioria dos nossos pais terem vivido a década de 60. Hoje — afirma — a educação do rapaz e da rapariga é cada vez mais homogênea, o que é bom para todos».

Castêlha praticante, tendo feito parte, inclusive, do Secretariado Diocesano da Juventude de Viseu, de onde é natural Ana Paula Barros mantém, desde muito cedo, uma intensa actividade circum-escolar, fruto, segundo nos salientou, «da educação liberal que recebi e do apoio que os pais sempre me prestaram, no sentido de nunca viver alheada da realidade que me cerca e dos problemas que, de uma maneira ou de outra, me dizem directamente respeito».

Em Setembro de 1979, com apenas 14 anos, ingressa na Juventude Social-Democrata, altura que coincide com a ascensão da Aliança Democrática ao Poder. No ano seguinte, a par do trabalho partidário que desenvolve, Ana Paula é ainda, responsável pelos «Lobitos», no

seio do corpo de escuteiros da sua cidade, ao mesmo tempo que se empenha a fundo na actividade religiosa.

Mais tarde, já em Coimbra, faz parte do Conselho Pedagógico e da Assembleia de Representantes da Faculdade de Direito.

to, a par da sua participação em programas da Rádio Universidade. Como monitora de socorismo dirige, regularmente cursos na Cruz Vermelha. Em 1984, entretanto, abandona a JSD, embora nunca abdique do seu ideário social-democrata, cujo núcleo estudantil de Direito coordena, dado tratar-se da única estrutura partidária que admite elementos não filiados. Com 24 votos a favor e dois brancos, a Comissão Académica Social-Democrata aprova o seu nome para encabeçar a lista da JSD às eleições deste ano, na AAC.

E, após seis anos de jejum à frente dos destinos da Direcção-Geral daquela Academia, a Juventude Social-Democrata consegue, finalmente, uma vitória eleitoral à segunda volta, depois de nas «primárias» ter ficado a três votos da JS. Pela primeira vez a JSD fala de abertura e de diálogo com todas as forças académicas, reconhecendo, igualmente, o papel inestimável e insubstituível dos organismos autónomos, enquanto produtores culturais. Há quem se interrogue acerca dos sinais exteriores da mudança da AAC.

Herdamos um passivo de 38 mil contos

De acordo com Ana Paula, «a grande mudança a introduzir na vida da AAC vai ser ao nível da gestão, sob pena da Associação Académica morrer. Os últimos mandatos — salienta — revelaram, de facto, uma enorme falta de preocupação e cuidado na contenção das despesas, política que se reflecte, de resto, no passivo de 38 mil contos que herdamos, incluindo aquele montante dívidas ao valor de 23 mil contos».

Depois de ter dado conhecimento ao reitor de tal situação, a actual Direcção-Geral vai, dentro de dias, tentar «junto dos ministros da Juventude e da Educação, sensibilizá-los no sentido de prestarem o melhor apoio financeiro à AAC, de modo a que as dívidas possam ser pagas, embora sem prejudicar o trabalho normal e regular

da academia», sublinhou a sua presidente.

Atendendo ao volume de verbas que movimento pode, aliás, comparar-se a AAC a uma média empresa. Segundo os números que Ana Paula forneceu ao «Tempo», a Associação Académica «só no ano passado movimentou 60 mil contos, fora as dívidas, tendo canalizado mais de um terço daquela importância para as secções desportivas, enquanto os encargos mensais com os funcionários ultrapassam os dois mil contos».

As dificuldades de tesouraria não impedem, porém, o estabelecimento de todo um vasto calendário de actividades culturais e recreativas a levar a cabo pelos actuais dirigentes associativos.

As III Jornadas Pedagógicas, em Abril, as quais coincidem com a realização de uma semana cultural, a que se seguirá, em Junho, o I Encontro de Gastronomia e Folclore, além da organização regular de espectáculos de café-concerto, colóquios e conferências representam para a presidente da AAC, «algumas das iniciativas capazes de, aproveitando os tempos mortos dos estudantes, os chamar e sensibilizar na participação da vida circum-escolar da universidade. Daí, portanto — acrescenta — a importância que atribuímos à

nossa aposta na promoção dos valores culturais que a Associação Académica produz nomeadamente através do trabalho dos organismos autónomos».

A tónica cultural que procura fazer ressaltar em todo o seu discurso espelha, de certo modo, o interesse e a posição que assume perante os projectos em que se envolve. Assim nos justificou, de resto, o seu empenhamento, há dois anos, na candidatura presidencial da engenheira Maria de Lourdes Pinhasilgo, «cuja opção e programa cultural para o País mereceram o meu melhor apoio».

Filha mais velha de quatro irmãos, Ana Paula Barros comeu, ainda, a rara proeza de ter frequentado, simultaneamente, duas faculdades, uma delas, porém, à revelia dos pais.

«Durante alguns meses — conta — frequentei o curso de Humanidades na Universidade Católica de Viseu, ao mesmo tempo que estudava, às escondidas, as seções de Direito da Universidade de Coimbra. Tudo isto, porque decidira fazer a

vontade ao meu pai de não me matricular em Direito, promessa que acabei, afinal, por não cumprir. Ao descobrir um dia mais tarde o material de estudo no meu quarto — recorda — ele acabou, contudo, por compreender e aceitar a legitimidade da ajuda que eu resolvera assumir», hoje, aqui estou no quinto ano de Direito, sem a «terrível» cadeira de «reals» por fazer...

Razão tinha «início de Morais ao referir-se às mulheres nascidas sob o signo do Touro, aquela a que pertence, sob a influência de Carneiro, Ana Paula Barros: «O que é que brilha sem ser ouro? — a mulher de Touro».

Associação Académica
Gestão